



## Da crítica antropológica ao sujeito antropológico espiritual

*Lucas Oliveira Mendes \**

**Resumo:** Sob o olhar foucaultiano o presente artigo percorre o caminho de investigação acerca do ser humano, tão nomeado, interpretado e dito de várias maneiras, que ao longo do tempo, inserido nas várias teorias do campo das ciências humanas se perdeu em sua constituição e no conhecimento de si. O objetivo principal aqui presente é encontrar o homem antropológico em suas possíveis dimensões para além do empírico, ainda que seja na experiência da vida que ele é conhecido e estudado. Utilizando a análise de Foucault da obra Antropologia de um ponto de vista pragmático de Immanuel Kant, apareceu um ser aberto, que mesmo fugindo das delimitações metafísicas, foi possível trazer à luz, o humano, como um sujeito espiritual, marcado por sua liberdade. Essa compreensão só foi possível através da estreita relação do pensamento foucaultiano com o kantiano, que visa o ser humano como um sujeito antropológico aberto à constituição de si em meio às tantas possibilidades do fazer algo de si mesmo.

**Palavras-chave:** Sujeito; Sujeito Espiritual; Gemüt; Antropologia; Michael Foucault

---

\* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (UFU). Professor em Governo do Estado de Santa Catarina (GOVERNO/SC) E-mail: [lucasmendesfilo@outlook.com](mailto:lucasmendesfilo@outlook.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7136307673029783>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5234-3123>.

## **From anthropological criticism to the spiritual anthropological subject**

**Abstract:** Under the Foucauldian view, the present follows the path of investigation about the human being, so named, interpreted and said in various ways, that over time, inserted in the various theories of the field of human sciences, it was lost in its constitution and in the knowledge of yes. The main objective here is to find the anthropological man in his possible dimensions beyond the empirical, even if it is in the experience of life that he is known and studied. Using Foucault's analysis of the work *Anthropology from a pragmatic point of view* by Immanuel Kant, an open being appeared that, even escaping from the metaphysical boundaries, it was possible to bring to light this being, who is human, as a spiritual subject, marked by his freedom. This understanding was only possible through the close relationship between Foucauldian and Kantian thought, which aims at the human being as an anthropological subject open to the constitution of himself in the midst of so many possibilities of making something of himself.

**Keywords:** Subject; Spiritual Subject; Gemüt; Anthropology; Michael Foucault

## **Introdução**

Ao analisar a compreensão antropológica moderna do ser humano, percebe-se um assentamento epistemológico, que não abarca a totalidade do objeto de sua própria investigação: “o homem”. Foucault, em sua obra tese complementar intitulada: “Gênese e estrutura da antropologia de Kant” ([2008], 2011), ao analisar o trabalho kantiano “Antropologia de um ponto de vista pragmático” ([1798], 2006), aponta uma visão para a necessidade de melhor investigar e compreender aquele cuja antropologia, desconhecidamente, chama de “homem”.

Na modernidade tem-se a antropologia como importante assentamento da epistemologia e compreensões acerca do ser humano. Foucault, quer desvelar o propósito moderno, ao mesmo tempo em que reivindica para si a influência kantiana, que representa o cerne desse movimento moderno de crítica aos valores e normas sociais, ao Estado de

direito, em oposição a certas interpretações pós-modernas que consideram a modernidade como uma narrativa concluída (Alves, 2007). É desse ponto que Foucault constituirá sua crítica antropológica, numa tentativa de desprender-se do “eu penso”, além de levar ao campo de análise o tema da finitude do homem, que é o próprio *a priori* histórico da humanidade: o ente que é sujeito e objeto de si mesmo, por isso é um campo privilegiado de análise. Nesse sentido:

Era preciso que as sínteses empíricas fossem asseguradas em qualquer outro lugar que não na soberania do “Eu penso”. Deviam ser requeridas onde precisamente essa soberania encontra seu limite, isto é, na finitude do homem — finitude que é tanto a da consciência quanto a do indivíduo que vive, fala, trabalha (Foucault, [1966], 2022, p. 364).

É nessa direção que Foucault retomará a *Lógica* de Kant, ressaltando as três questões fundamentais elaboradas: “O que posso saber?”, “O que devo fazer?”, “O que me é permitido esperar?”, não obstante, a complementação dessa trilogia, pela quarta questão é a que encerra em si uma síntese, que a partir de si abre o acesso às demais citadas: “O que é o homem?” (*Was ist der Mensch?*). Tem-se aqui, como percebido por Foucault, uma confusão empírico-transcendental, ocorrida na era pós-kantiana, que foi uma das principais razões para a possibilidade do sujeito homem tornar-se tão antropologizado e mal compreendido até os dias atuais. Nas próprias palavras de Foucault, lê-se: “[...] a função transcendental vem cobrir, com sua rede imperiosa, o espaço inerte e sombrio da empiricidade; inversamente, os conteúdos empíricos se animam, se refazem, erguem-se e são logo subsumidos num discurso que leva longe sua presunção transcendental” (Foucault, [1966], 2002, p. 365).

O homem do discurso bem como o homem da natureza se estabelecem como os próprios fundamentos da finitude do homem na modernidade, sustentando uma relação entre o transcendental e o empírico, relação essa presente no alerta feito por Foucault, ao acusar a modernidade de cair em equívoco tão grande quanto o dogmatismo metafísico, na busca

da essência do homem. Tanto a inclinação dogmática, quanto a busca pela essência humana, na compreensão foucaultiana, não fora abandonada, mas se faz presente revestido de antropologismo. Assim sendo, ao desvincular o domínio discursivo da alusão ao sujeito constituinte, Foucault renuncia à exigência de um princípio transcendental, o que significa que a arqueologia dispensa a necessidade de um ponto fixo ou de uma referência absoluta em valores universais para analisar a historicidade dos discursos. Portanto, surge a indagação sobre a caracterização "neokantiana" atribuída a Foucault, considerando a contínua oposição que ele travou contra todas as manifestações da filosofia centrada no sujeito (Alves, 2007).

Foucault busca em Kant um importante resultado, que coloca entre o homem e a Antropologia um verdadeiro vazio; ou seja, de um lado o empírico e sua realidade que está pautado na ordem do contingente, do outro as inúmeras possibilidades de conhecimento. O vazio explica-se na visada em direção ao próprio homem, ele mesmo estaria nesse vazio ao tentar ser compreendido e abarcado por uma Antropologia, já que o homem é aquilo que é representado por si, fruto das sínteses operadas em ambas as condições (possíveis e empíricas); é aquele a priori histórico, como já citado, o ente que é sujeito e objeto de si mesmo (Foucault, [1966], 2002, p. 365-366).

Faz-se necessário, para o desenvolvimento do presente trabalho e melhor elucidação da questão proposta, tomar como base daqui por diante um foco maior no trabalho foucaultiano "Gênese e estrutura da antropologia de Kant", uma vez que em "*As palavras e as coisas*", a relação entre os dois autores aqui destacados não encontra-se tão profundamente estabelecida, pois as dimensões específicas do sujeito e da sociedade são colocadas entre parênteses: não se busca simplificar tudo à linguagem, mas sim fragmentar o tempo, estabelecendo uma temporalidade intrínseca ao próprio discurso, que não está sujeita às influências externas (Alves, 2007).

## “O Sujeito” e “O Conhecimento de Si” na tese complementar de Foucault

Para elaboração de seu trabalho introdutório, Foucault, transitou entre reflexões (*reflexionen*) kantianas sobre a Antropologia, porém insuficientes para chegar às conclusões; anotações dos alunos (*Collegentwürfe*) que participaram dos cursos ministrados por Kant; comparou textos anteriores a crítica em conjunto aos contemporâneos à Antropologia; fez comparações com textos de cunho próprio sobre Antropologia de diversos autores lidos por Kant; e, enfim, recorre ao *Opus Postumum*. No presente artigo, não há pretensão de simples repetição das conclusões extraídas da tese complementar, mas uma compreensão do homem, bem como de suas dimensões para além do empírico.

Para a análise aqui proposta, é importante ressaltar, alguns pontos destacados por Foucault ao passar pelas obras kantianas, como: “*Observações sobre o belo e o sublime*” (1764) - onde aparecem estudos sobre os temperamentos, sentimentos morais, permeando uma grande semelhança com a obra *Antropologia*; “*Ensaio sobre as doenças do espírito*” (1764) - vê-se um estudo acerca da “tolice”, “loucura”, “doenças de debilitação” e “perturbação” e outros que serão listados ou reformulados na elaboração da *Antropologia*; por fim, ainda que na obra principal, Kant não tenha dedicado tantas palavras ao tema trabalhado na obra “*O Ensaio sobre as raças*” (1775), Foucault destaca uma cisão na relação entre geografia física e antropologia, já que o conhecimento do mundo (*Weltkenntniss*) fica disposto à uma antropologia que visa um mundo previamente compreendido como habitado pelo homem. Assim, ao falar de uma região, fala-se do uso do homem sobre a natureza ali estabelecida; dizer o modo de ser do homem, é dizer o modo pelo qual ele habita, é ele quem dá lugar ao lugar habitado por ele mesmo. Tal compreensão parte da dimensão cosmopolita, ou seja, se refere ao mundo, menos que um cosmo dado, mas carrega em si possibilidades de construção, possibilidade de-vir-à-ser, onde o cidadão cosmopolita é um

cidadão do mundo, esse que é o sujeito que circula livremente pelo espaço geográfico, físico e dá sentido por sua própria habitação. Onde se estende a terra, estende-se a liberdade do indivíduo, liberdade compreendida no sentido prático e não do imperativo categórico kantiano (Foucault, [2008], 2011, p. 24-28).

A correspondência entre Kant e Beck, datada no ano de 1794, é um valioso material sobre o problema da “imputação de uma representação”, inferindo a problemática também da “determinação do sujeito”, a não “restituição” da representação a um objeto, desembocando na “comunicação” e “composição”; essa última será a única motivadora da possibilidade de “apreensão do múltiplo e a constituição da unidade e sua assunção na unidade da consciência”, em outras palavras, Foucault vê Kant levantar a problemática solepsista e unir os temas da representação e comunicação, uma vez que as duas estão em relação uma com a outra, legitima a partilha possível da representação do objeto, que não fica restrita ao sujeito. É a comunicabilidade que faz a comunicação e não restringe o objeto. Ele é composto, pelo sujeito agente, na própria relação dada. (Foucault, [2008], 2011, p. 28-29). Tais questões são de extrema importância desde as *Críticas*, para compreender bem o sujeito fora das determinações antropologizadas, fazendo-se tão claras nas seguintes palavras:

Que a representação não seja afetada a uma coisa, que a multiplicidade não seja oferecida já fechada sobre si mesma garantem, em uma contradição apenas aparente, o intercâmbio sempre possível das representações. É que o sujeito não se acha aí determinado pela maneira como ele é afetado, mas determina-se na constituição da representação: Mas só podemos compreender e comunicar aos outros o que nós mesmos podemos fazer.” (Foucault, [2008], 2011, p. 29).

A partir de demais interlocuções entre Kant e Beck, é Foucault atenta-se aos papéis de “sensibilidade” e “entendimento”, que culminará

na questão do “conhecimento de si”; nessa análise, Foucault defende em Kant a conclusão de que não há uma cisão no sujeito, ao contrário, ele se faz síntese unitária diante de uma bifurcação conceitual, da maneira de compreender diferentes concepções no conhecimento de um único sujeito, tal qual tornou-se ao longo do tempo, não mais fenômeno, mas a *priori* de si mesmo.

A assimilação do sujeito dotado de espontaneidade e autonomia encontra-se naquilo que ele pode fazer dele mesmo, abrindo mão do seu lugar passivo fenomênico - como comentado no parágrafo anterior - , mas, posto agora, em próprio conhecimento de si. É neste processo que há possibilidade de olhar-se e ver-se afetado de alguma forma. Esse sujeito falado, é o sujeito antropológico, finito, que, sendo compositor de sínteses, bem como fruto delas, opera-as na condição de liberdade, inserido em experiências humanas concretas, que não se encerram em meras descrições, mas deixam aberta a possibilidade do próprio sujeito fazer algo de si (Foucault, [2008], 2011, p. 32).

Nessa direção, Foucault sublinha o cuidado kantiano em distinguir “apercepção” como aquilo que tem um sentido pragmático, uma consciência de si enquanto agente, o que faz a coisa; e “sentido interno”, sendo aquilo que afeta o sujeito e ele sobre de modo interno, vivenciando a experiência de maneira passiva; de tal maneira, não mais a apercepção está compreendida como outrora na *Crítica*, encerrada no mero “Eu penso”, mas é levada ao entendimento da “atividade originária do sujeito”, por outro lado o “sentido interno” coloca com Eu como objeto pensado, abrindo mão da necessidade daquilo que o tempo lhe ofereceria para se tornar algo; tal tempo é antropológico, contingente e empírico, não é individual e coloca em contato indivíduos que estão no horizonte cosmopolítico. Há uma universalidade nesse contingente, no não-transcendental, mas envolve a possibilidade da transcendência enquanto aquilo que o sujeito pode fazer de si mesmo, na abertura para as possibilidades. Ressalta-se, ainda, que esse sentido de tempo está na Filosofia da História, quando ela fala de um fio

condutor. Caso a história de fato faça sentido, ela não é mera sucessão de fatos, mas há um sentido nos acontecimentos desses mesmos fatos realizados por alguém.

## O “Sujeito” espiritual

Daquilo que foi analisado até o momento, depara-se aqui o problema de uma autorreflexão, um problema puramente fenomenológico, pois o sujeito é modificado pelo seu próprio olhar lançado sobre si mesmo; àquilo que ele mesmo era e já deixou de ser, cumprindo uma síntese no resultado de sua própria automodificação. “Quem sou eu para eu mesmo?”, um questionamento tão válido e permeado de um devir ininterrupto, que a cada tentativa de resposta causa em si uma transformação. Nesse sentido, Foucault oferece o conceito de “eu-objeto”, que não é nem o “Eu-puro da síntese”, nem mesmo o “sujeito em si” (Foucault, [2008], 2011, p. 33). Aqui, encontra-se o homem como saber se si mesmo, um sujeito afetado no tempo, mas não determinado por ele.

Na correspondência com Hufeland, Foucault enxerga Kant mais distante das problemáticas da Crítica e direcionando-se, mais uma vez, aos temas da “passividade” e “tempo” (Foucault, [2008], 2011, p. 38). Aqui faz-se muito necessário tais desenvolvimentos, para encontrar um sujeito que está além do empírico e da factualidade determinista. Tomando a questão da liberdade, afirma Foucault:

E, se no pathos da doença há alguma coisa aparentada às paixões, não é mais por demasiado afastamento do mundo calmo da natureza, mas por uma distensão do arco espiritual da liberdade: o determinismo - liberdade descerrada - nem é totalmente causa nem simplesmente efeito da doença; é o próprio processo da doença se fazendo, isto é, da racionalidade



orgânica de desfazendo e renunciando, por falta, à sua liberdade” ([2008], 2011, p. 39-40).

Em tamanha proximidade com a compreensão do “Esclarecimento” (*Aufklärung*), o que fundamenta a ação do homem sobre seu próprio corpo é o domínio da liberdade, que não está pautada na moral e na prática, mas na ideia de que o sujeito pode fazer algo de si mesmo, sendo filósofo do seu próprio corpo, dando a possibilidade de “prolongar a vida humana” (*das menschliche leben zu verlängern*). É no próprio Kant, que Foucault relata essa experiência, por seus trabalhos, ainda na idade avançada, encarados como fruto de trabalhos espirituais, levando ao conhecimento do homem não como objeto da antropologia, mas como ela própria (Foucault, [2008], 2011, p. 40).

O domínio sobre si, que diz respeito à região do espírito e do corpo, do ponto de vista iluminista, acontece porque fala-se aqui de um sujeito que é ser da natureza, mas também da razão, que pode tanto agir sobre essa última, bem como sobre si mesmo. Eis o contato entre Kant e Hufland que gerou um encontro entre a Filosofia e a Medicina; chamado de “remédio universal” (*universalmendizin*), reúnem-se a inutilidade da Filosofia enquanto não-pragmática, moral, mas também a sua prática, enquanto resultado da liberdade do sujeito dotado de razão. Assim, sendo, é no próprio viver, que o sujeito deve “gerir as relações entre a doença e a saúde” (Foucault, [2008], 2011, p. 42), sem estar posto no determinismo de finitude antropológica, mas na consciência daquele tão incondicionado ser que age sobre si e modifica-se, devendo atentar-se à ação do espírito sobre suas ações.

Justifica-se nas palavras de Foucault o imprescindível poder do espírito nesta análise:

[...] o espírito tem poder de reequilíbrio: dono de seu pensamento, ele é dono deste movimento vital que é a versão orgânica e o correspondente indispensável do pensamento. Se o espírito fosse imóvel a vida entraria estado de sono, isto é, na morte (somente o sonho

impede de perecer enquanto se dorme); e se o movimento da vida corre o risco de se desequilibrar e bloquear-se no espasmo, o espírito deve poder lhe restituir uma justa mobilidade (Foucault, [2008], 2011, p. 43).

Para viver de acordo com essa disposição espiritual, é necessário dar vez à *Antropologia* kantiana, que indica faces de compreensões acerca do homem, que são importantes para uma análise sistemática daquele que é em si próprio sujeito e objeto. Na não aceitação do encerramento naturalista como resposta ao caminho trilhado na *Antropologia*, ainda corre-se o risco de prender-se na utilização (*Gebrauch*) do ser humano, como saída desse risco Foucault salienta as questões colocadas por Kant sobre: descrição do homem, não mais do que ele é - abrindo mão da tentativa metafísica de buscar as essências - , e sim do que ele pode fazer de si. Para a hermenêutica deste artigo, encara-se os conceitos agora descritos, tais quais quando se fala sobre “o que esperar do homem”, como uma abertura ao espiritual; ainda que haja em seguida uma determinação quando é falado sobre o que o homem “pode e deve” (*kann und soll*) fazer de si mesmo; explica-se, através de Foucault, como é possível a compreensão destes termos como dimensão espiritual, pois assim ele afirma: “Ele é colocado no texto de uma liberdade que se postula ao mesmo tempo singular e universal” (Foucault, [2008], 2011, p. 45). Assim sendo, o homem estabelece com os outros questões de liberdade, nas relações de si e são expressivas dentro das possibilidades que se colocam no campo antropológico do sujeito que faz-se, constrói-se, particular e universalmente. Por isso, pode-se dizer sobre "o homem", mas também sobre "nós mesmos", sendo a diferença entre esses dois termos o seguinte: enquanto a filosofia geralmente trata do homem sob a perspectiva do universal, a investigação sobre nós mesmos ocorre dentro do contexto de particularidades sem universalidade que interessa Foucault nesse estudo (Sardinha, 2011).

Por fim, defende-se uma pragmática antropológica que não exclui a dimensão espiritual do sujeito, justificada, sobretudo, na dimensão da

liberdade. Kraemer (2008) aprofunda a análise das interpretações foucaultianas sobre o conceito de liberdade humana e sua relação com o mundo como possibilidade sensível dos objetos, o a priori da existência, onde acontece o ‘jogo’ que só faz sentido a partir da pragmática mesmo, pois é na prática empírica que estão dadas as condições de fazer exercício da liberdade. Esse sentido pragmático ganha sentido também na relação com o outro, com a natureza, que descrevem a existência concreta do homem na *Antropologia*. Cabe ainda declarar que o homem não é meramente ser empírico e nem mesmo um sujeito puro de liberdade, mas ele se situa nas sínteses operadas de sua ligação com o mundo.

### **“Ânimo” e “Espírito” no “Sujeito” antropológico**

É necessário o entendimento acerca dos conceitos empregados por Kant e bem elucidados por Foucault. De acordo com Rohden (1993), Kant explora o termo *Gemüt* (ânimo) como uma faculdade simples, responsável por sensações e pelo pensar, abrindo mão do emprego do conceito *Seele* (alma), por questões propriamente metafísicas. Porém, na concepção foucaultiana, *Gemüt* não pode ser reduzido à mera faculdade de sensações ou de pensamento.

Abre-se uma bifurcação entre o empírico e o não-empírico, e é aí que estaria situado o *Gemüt* e o estudo acerca desse será de suma importância para investigar melhor o objeto da *Antropologia*. Para tal investigação, além do *Gemüt* Foucault ressalta o *Geist* (espírito), responsável pela vivificação do *Gemüt*, que desde a *Crítica*, Kant salientava o mecanismo das ideias, inseridas nessa dimensão, como fundamento para o conhecimento do homem. Baseado em Silveira (2015), fruto de uma concepção cartesiana, a dimensão da consciência sempre está presente na tentativa de compreender o que é o homem, na busca de uma certeza nessa compreensão de si, depara-se com a oposição entre corpo e espírito, uma estrutura pensante, que é

localizada no empírico e que se torna sujeito e objeto dentro do campo pragmático, onde pode ser experienciado.

E é assim, nesse sentido, que deve-se entender não como dimensões transcendentais, mas como aquelas que fazem as sínteses no próprio sujeito antropológico, que se torna também síntese de uma vivificação, que o espírito proporciona na própria experiência; esse espírito é o que torna possível a existência humana e vivifica o ser humano infinitamente, sem limites. Essa infinitude que se revela na liberdade, que guiou o sujeito para fora dos determinismos pragmáticos e empíricos, abrindo as possibilidades de enxergar-se e pela vivificação do *Geist*, agir nas suas escolhas entre o que “pode e deve” (*kann und soll*) fazer de si mesmo (Adorno, 2000, p. 26). Ainda, deve ser levado em conta a ênfase dada por Foucault a “o que fazemos” e “temos feito” de nós mesmos é consideravelmente mais significativa do que aquela atribuída ao “que devemos fazer”, que era o último elemento abordado por Kant no programa pragmático. Portanto, em Foucault, trata-se muito mais de uma análise dos fatos históricos contingentes do que das normas que devem guiar nossas ações (Sardinha, 2011).

O *Gemüt* revela problemáticas tão caras a Foucault, sobretudo no que diz respeito a distinção entre o transcendental e o empírico; há uma relação de união entre ambas as realidades que escapam à antropologia moderna, mas é resgatada na *Antropologia* kantiana que se preocupa com o sujeito em sua totalidade, em outras palavras, com aquele que verdadeiramente ele é.

Assim, conclui Foucault, que não é possível uma psicologia empírica a partir da *Antropologia*, pois não é possível trancafiar o espírito em determinações naturalísticas, ao contrário, ele só é alcançável por meios “através de ideias” (*durch Ideen*) que se expõem no campo da experiência. De acordo com as próprias palavras de Foucault:

Só há antropologia possível na medida em que o *Gemüt* não está fixado à passividade de suas determinações fenomenais, mas é animado pelo labor das ideias no nível do campo da experiência. O *Geist* será, portanto, o princípio no *Gemüt*, de uma dialética desdialetizada, não transcendental, destinada ao domínio da experiência e conjugada ao próprio jogo dos fenômenos. É o *Geist* que abre o *Gemüt*, a liberdade do possível, arranca-o de suas determinações e lhe dá um porvir que ele deve só a si mesmo.” (Foucault, [2008], 2011, 55).

Por fim, segundo Kraemer (2008), nas conclusões foucaultianas são delineadas uma rede de relações que unem verdade e liberdade, onde esta última emerge como uma necessidade ineludível do sujeito imerso no mundo como ser constituído e constituinte, inserido na temporalidade que molda sua existência enquanto simultaneamente a inaugura para a ação, a atribuição de sentido e a comunicação dentro do *a priori* histórico que caracteriza todo seu desdobramento. Tal é o desfecho da crítica aqui delineada: o sujeito, espiritual no temporal, empírico no atemporal, uma tensão entre o dado e as infinitas possibilidades que dá forma à dinâmica entre liberdade e verdade.

### Considerações finais

Enfim, conclui-se que dentro da leitura foucaultiana da *Antropologia* de Kant, só há antropologia enquanto pragmática, ao mesmo tempo que só se pode escrever, falar, pensar, algo psicologicamente sobre o homem a partir daquilo que ele pode fazer de si mesmo, sendo o seu *a priori*, livre de compreensões prescritas no naturalismo ou qualquer tipo de determinismo. As possibilidades que se abrem ao sujeito, o colocam como protagonista daquilo que “pode e deve” (*kann und soll*) fazer de si mesmo. Esse sujeito é cosmopolita, “cidadão do mundo” (*Weltbürger*), que pertence a uma região tão concreta com as leis jurídicas também concretas,

que visto desde a *Antropologia*, não há concretude maior que sua própria liberdade diante de si, deixando-se assim ser compreendido como um sujeito espiritual.

Neste artigo, a liberdade do sujeito antropológico surgiu como fio condutor desde a valiosa indagação "O que é o homem?" (*Was ist der Mensch?*), até a compreensão das dimensões próprias do sujeito que o revelou como sujeito e objeto de si mesmo, que se faz e desfaz, dentro do tempo antropológico, contingente e empírico, não individual, em contato com outros homens no horizonte cosmopolítico, que abrange uma universalidade dentro do contingente, percebe a transcendência nas possibilidades da autoconstrução de si.

O Eu antropológico, finito, operado em sínteses dadas na experiência, operadas pela liberdade, que indicou o sujeito como aberto para além do natural e determinável. Ao perscrutar o caminho da busca do conhecimento de si, foram vistas dimensões nesse homem, que mesmo no sentido concreto das "formas da experiência humana", não se encerra na descrição pela mera descrição, mas deixa aberta a possibilidade de fazer-se sujeito, sendo assim compreendido como um sujeito espiritual.

Afetado pela própria visão na busca de quem ele é, o sujeito sustentado por um "ânimo" (*Gemüt*) que se revelou uma dimensão fundamental para um domínio de uma antropologia pragmática, encontrou na sensibilidade, reiterada por Kant, como um ser capaz de sentir e perceber o mundo no processo de conhecer a si como ser afetado pelo mundo e por si mesmo.

Em suma, a *Antropologia* é o reino da relação com a dimensão a priori, e somente nessa dimensão que pode ser encontrado o sujeito espiritual, que não se relaciona com o fundamento dado de forma absoluta. Na *Antropologia* o sujeito não se encerra no empírico, mesmo que seja abordado pela via pragmática, ele é mais do que dele se observa, está

constituído para além do ser fechado que se apresenta nas aparências, mas sobretudo é um ser de possibilidades, é um ser humano, objeto de si com a possibilidade de fazer algo de si mesmo, por isso

O que está em questão não são as determinações em que é apreendida e definida, no nível dos fenômenos, a besta humana - mas o desenvolvimento da consciência de si e do Eu sou: o sujeito afetando-se no movimento pelo qual torna-se objeto para si mesmo (foucault, [2008], 2011, p. 69).

## Referências

- ADORNO, Sérgio. *Dor e sofrimento, presenças ou ausências na obra de Foucault?*. Marília: Cadernos FFC, v. 9, n. 1, 2000.
- ALVES, A.. *A crítica de ponta-cabeça: sobre a significação de Kant no pensamento de Foucault*. Trans/Form/Ação, v. 30, n. 1, p. 25–40, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/87NLxTYb9BYLTxmDsNWK8HQ/>. Acesso em: 12 fev. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732007000100003>.
- FOUCAULT, Michel. [1966]. *As palavras e as coisas*. Trad.: Salma Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. [2008]. *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*. Trad.: Márcio. A. da. Fonseca e Salma Muchail. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- KANT, Immanuel. [1798]. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad.: Clélia Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- KRAEMER, Celso. *Ética e liberdade em Michel Foucault, Uma leitura de Kant*. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- RODHEN, Valério. *O sentido do termo Gemüt em Kant*. Revista Analítica Vol.1, Nº1, São Paulo: 1993, p. 61-74. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1813-6982.1993.tb01208.x>.
- SARDINHA, D. *Kant, Foucault e a antropologia pragmática*. Kant e-prints, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 43–58, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/kant/article/view/8672486>.

Acesso em: 12 fev. 2024.

SILVEIRA, Fillipa Carneiro. *Sujeito e homem na crítica de Michel Foucault à antropologia*. São Carlos: UFSCar, 2015.

Data de registro: 18/10/2022

Data de aceite: 17/01/2024